

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

**Falar é fácil. Difícil é ser ouvido e entendido –
Manual de locução no telejornalismo**

Projeto Experimental de Conclusão do curso de Comunicação
com habilitação em Jornalismo na Faculdade de
Comunicação da Universidade Federal da Bahia

[Memorial]

Realização: Natália Boere
Orientação: Profa. Simone Bortoliero

SALVADOR – BAHIA

Junho de 2006

Resumo

O projeto de natureza experimental “*Falar é fácil. Difícil é ser ouvido e entendido – Manual sobre locução no telejornalismo*” é um guia com o histórico da implantação do atendimento fonoaudiológico no telejornalismo, com alguns aspectos teóricos da linha comunicativa, além de um perfil do telespectador. Há ainda considerações sobre as particularidades do texto telejornalístico – escrito para ser falado – , além de um pequeno guia prático, com aspectos a considerar nos quesitos qualidade vocal, recursos vocais e recursos não verbais, estes, com fotos para ilustrar. Tanto apresentadores quanto repórteres merecem capítulos especiais, com entrevistas com profissionais locais e avaliação fonoaudiológica da performance desses profissionais, para termos um diagnóstico do que pode servir como parâmetro e o que ainda precisa ser aprimorado na locução. O manual traz também seções com os principais erros de locução e exercícios de aquecimento, desaquecimento e dicção. Tudo isso, com a intenção de ajudar a aperfeiçoar a comunicação nos telejornais.

Sumário

1. Apresentação.....	4
2. Fundamentação teórica.....	5
3. Objetivos.....	8
4. Justificativa.....	9
5. Raio-X do manual.....	9
6. Aspectos metodológicos.....	14
6.1 Notas de campo.....	16
6.1.1 TVE.....	16
6.1.2 TV Aratu.....	17
6.1.3 TV Bahia.....	20
6.2 A produção gráfica.....	22
7. Considerações finais.....	22
8. Referências bibliográficas.....	23
9. Bibliografia.....	24

1. Apresentação

Sempre fui fascinada por televisão. Desde criança, tinha intimidade com as câmeras e vontade de trabalhar em tv como atriz, apresentadora, o que fosse. Cresci e o fascínio continuou, mas não podia ficar me fiando em sonho, tinha que fazer algo para concretizá-lo. Como descobri um lado meu bastante comunicativo e adorava escrever, cheguei à conclusão de que cursar uma faculdade de jornalismo seria uma ótima opção. Ser repórter de telejornal também me satisfaria.

Aos 18 anos, não se tem a dimensão do que é o mercado, se a profissão que escolhemos é realmente o que nos interessa ou se, pelo menos, é o que imaginávamos. Mas hoje, aos 22, posso dizer que fiz a escolha certa. Tive a sorte de ter tido a oportunidade de estagiar em televisão logo no segundo semestre do curso. Comecei como produtora de pauta, mas as portas foram se abrindo e eu acabei conquistando um lugar na reportagem, onde fiquei por um ano e meio.

Esse período foi fundamental para a confirmação da minha vontade de ser jornalista, especificamente, de televisão. Na faculdade, a confirmação do jornalismo veio, principalmente, através das disciplinas Comunicação Jornalística e Comunicação e Atualidade I, que me ajudaram a descobrir a minha veia crítica para a escrita, Oficina de

Comunicação Audiovisual, que contribuiu para reforçar a minha paixão pelo vídeo, Comunicação e Cultura Contemporânea, que chamou a minha atenção para questões embutidas no processo comunicativo, que, nem sempre, são percebidas, e Oficina de Telejornalismo I, que me deu a oportunidade de estreitar o aprendizado da faculdade com o aprendizado da TVE. Agradeço entre todos os excelentes educadores que passaram pelo meu caminho universitário, em especial, aos professores Maurício Tavares, Danilo Scaldaferrri, Simone Bortoliero e Itânia Gomes, diretamente ligados à minha formação, que orientaram, as escolhas que fiz ao longo dos anos.

Durante o percurso, ficou clara a minha identificação com o telejornalismo. Por isso, acredito que o meu Trabalho de Conclusão de Curso não poderia ser sobre outro tema. Nesse sentido, escolhi abordar a questão da locução no telejornalismo, que está estritamente relacionada com a fonoaudiologia, por ser um assunto que me interessa diretamente. Tenho noção, até por fazer tratamento fonoaudiológico voltado para locução há um tempo, mas sei que tenho muito o que aprender, não só em relação à técnica (articular bem as palavras, variar a intensidade, a velocidade e o tom da voz de forma adequada), mas também à interpretação. Sei que é difícil prender a atenção do telespectador, por isso creio que é importante saber passar as informações com a emoção que a notícia demanda, carisma - quando necessário - e credibilidade sempre.

A princípio, tinha optado por fazer uma monografia como conclusão do meu curso. Mas descobri que uma monografia talvez não atendesse os meus anseios, por ser técnica demais. Tinha a intenção de fazer algo que pudesse servir de suporte a estudantes de comunicação de universidades baianas, que não tinham ao que recorrer para ter um certo conhecimento sobre expressividade no telejornalismo, e também para profissionais locais. E o formato de

manual pareceu perfeito para tal objetivo, já que me permitiu escrever algo mais didático e acessível.

2. Aspectos teóricos

O livro “Manual de Telejornalismo – Os segredos da notícia na TV”, dos autores Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima, chama atenção para o fato de que a televisão e o rádio têm a característica da instantaneidade. Portanto, o jornalista deve fazer com que a notícia seja entendida pelo receptor no exato momento em que é transmitida. Assim, além de um texto conciso, direto, simples e objetivo, é importante que o repórter tenha uma locução clara, precisa e com a entonação que a notícia pede e que a compreensão dela necessita. Segundo os autores, não faz sentido relatar um acidente, por exemplo, com uma voz alegre ou de consternação. A sensibilidade para usar o tom ideal, de acordo com cada acontecimento, é fundamental e se adquire com a prática. O autor Albertino Aor da Cunha, reforça essa idéia no livro “Telejornalismo”:

“Os oradores não nascem feitos, são feitos, através de suas qualidades potenciais, acréscimo dos requisitos de memória, habilidade, criatividade, entusiasmo, determinação, observação, teatralização, síntese, ritmo, voz, vocabulário, expressão corporal, naturalidade e conhecimento.” Cunha (1990)

O livro “Manual de Telejornalismo” também ressalta que a televisão é imagem, mas a fala é essencial. Por isso, a clareza na pronúncia das palavras, o respeito ao ritmo e à velocidade são indispensáveis para uma boa compreensão do que está sendo dito. Uma leitura mal feita, com erro de pronúncia, e o vício de “comer letras”, principalmente o S ao final das palavras, podem fazer o telespectador perder o interesse pela notícia. As pausas são

recursos que devem ser empregados com certa frequência, pois funcionam como pontuação, facilitam a respiração e a variação do tom da voz.

Já o livro “Saúde Vocal – Práticas Fonoaudiológicas”, das autoras Leslie Piccolotto e Marta Assumpção de Andrada e Silva, demonstra que existe uma grande discussão a cerca do tema locução e telejornalismo. Informações sobre o contexto histórico do atendimento fonoaudiológico para o telejornalismo, o porquê da procura por este tipo de atendimento, o número de profissionais que atuam nesse campo e as suas condições de trabalho podem ajudar na percepção do panorama destes profissionais no país. Devem também, demonstrar a importância que é dada a esse campo de trabalho e, sobretudo, enfatizar, concretamente, a importância da locução na divulgação da notícia.

As autoras evidenciam que a atuação dos profissionais de fonoaudiologia em locução tem como objetivo avaliar os repórteres e apresentadores, orientá-los quanto aos aspectos de higiene vocal, prevenir as alterações da voz e treiná-los do ponto de vista vocal, para desenvolver recursos de interpretação e garantir que a mensagem transmitida tenha credibilidade. O trabalho dos fonoaudiólogos nesse sentido é focado na saúde vocal (produção da voz de maneira natural e tranqüila, sem esforço e com boa resistência), na naturalidade do profissional, no ritmo de fala, na entonação, na suavização do sotaque e expressividade (expressão da face, postura corporal e características vocais). O repórter deve explorar ao máximo os recursos verbais, vocais e não verbais para melhorar a expressividade. Os verbais referem-se à seleção de vocábulos e ao efeito sintático das palavras nas frases. Os recursos vocais concernem ao tipo de voz, ao *pitch* (frequência fundamental), ao *loudness* (intensidade), à pausa, ao ritmo e à velocidade de fala, à articulação, ao sotaque e à modulação da voz. E os não verbais são os gestos (que são

classificados de acordo com o papel que desempenham), as expressões faciais, a postura, a aparência física e a roupa do profissional.

No livro, Leslie Piccolotto e Marta Assumpção de Andrada e Silva enfatizam sempre que a linguagem do telejornalismo deve ser simples, direta, clara e objetiva; adequada ao público para atingir o maior número de pessoas. E que, como a tv trabalha com enquadramentos fechados, que mostram detalhes e ampliam os gestos, estes devem surgir de forma espontânea e sem excessos, para não interferir na compreensão do conteúdo.

O livro também aborda as diferentes coberturas dos repórteres/ apresentadores e ressalta que cada situação demanda o uso de recursos vocais distintos. Aborda ainda as atuações e dificuldades de cada um deles e os fatores positivos e negativos que interferem na voz.

Já a autora Cláudia Cotes, no livro “Fonoaudiologia e Telejornalismo – Relatos do IV Encontro Nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalista”, define expressividade como ‘A maneira individual de transmitir idéias e/ou sentimentos por meio da voz e do corpo’. De acordo com ela, no telejornal há muitas vozes e corpos narrando fatos diversos, portanto há diferentes versões sobre um mesmo assunto, já que cada narrador, seja apresentador ou repórter, usa recursos estilísticos próprios, tanto da fala quanto do corpo, para transmitir informações. Neste livro, a autora levanta uma questão interessante: ‘Se a fala é tão individual e variante, por que os assuntos mudam e as entoações continuam as mesmas? Por que o telejornal apresenta um padrão de fala diferente da fala espontânea?’

A resposta destas e de muitas outras questões busquei incluir no manual de locução no telejornalismo “*Falar é fácil. Difícil é ser ouvido e entendido*”.

3. Objetivos

Além do objetivo pessoal de estudar para aprimorar os meus atributos como comunicadora, principalmente porque pretendo trabalhar em televisão e desenvolver um estilo próprio e natural de transmitir as notícias, escolhi fazer um manual de locução no telejornalismo para servir de suporte a estudantes de comunicação de faculdades baianas – e até a profissionais locais – que não tinham a quem recorrer para tirar dúvidas e procurar aprimorar as expressividades verbal e corporal.

4. Justificativa

Como não há muitos estudos sobre o tópico locução e telejornalismo na Bahia – até mesmo no Brasil -, creio que o trabalho vai servir de referência para pessoas que se interessam pelo assunto, têm vontade de ter um maior domínio sobre a voz, querem conhecer as diferentes formas de expressão, entender que enunciar um discurso - ou transmitir uma notícia - é dar uma forma singular à voz, em detrimento de outras possíveis. É importante que todo apresentador ou repórter tenha conhecimento de que a manifestação da voz pode ser determinada por uma decisão de vontade, que varia de acordo com diversas condições (local, distância do interlocutor, sua posição social, a situação do mesmo) ou com os objetivos de quem enuncia.

Dessa forma, um manual sobre locução e telejornalismo vem para ajudar a elucidar essas questões para aqueles que usam ou querem usar a voz para transmitir notícias aos telespectadores.

5. Raio-X do manual

Apresentação

1. Introdução

- um aprendizado

2. Da prática à teoria

3. Quem é o nosso telespectador?

4. O texto fala

5. Pequeno guia prático

- Qualidade vocal

- Recursos verbais

- Recursos não verbais

- Com que roupa eu vou?

6. O apresentador

- O que pensam os apresentadores baianos?

- A voz do profissional

- Dicas aplicadas

- As palavras do mestre

7. O repórter

- A voz do profissional

- Dicas aplicadas

8. Fique atento!

9. Dicas de exercícios

- Para aquecer

- Desaquecer

- Dicção

10. Para saber mais

- Glossário

11. Anexos

- Laudas de apresentadores de emissoras locais

- Fotos dos apresentadores em estúdio

Na **apresentação**, fiz um apanhado dos motivos que me levaram a escrever o manual – o fato de não existirem fontes de consulta para pessoas (estudantes de comunicação e profissionais locais) interessadas em aprimorar a expressão verbal e corporal no telejornalismo e também a minha vontade de saber mais sobre o assunto. Falei ainda da importância de uma transmissão clara, correta e crível para que o principal objetivo da comunicação – a compreensão da mensagem pelo interlocutor (no caso, o telespectador) – seja atingido.

Na **introdução**, procurei dar aos leitores uma noção de quando – e como – o conceito e o atendimento fonoaudiológico foram introduzidos no telejornalismo. No início dos anos 70, descobriu-se a importância de fugir do padrão “engessado” e da locução radiofônica impostada, para melhorar a expressividade e, conseqüentemente, a transmissão e a compreensão da notícia. Nesse contexto, a Rede Globo de televisão contratou a fonoaudióloga Glorinha Beutenmüller que, por quinze anos, usou sua longa experiência com atores para ensinar os profissionais do telejornalismo a falar com o corpo inteiro, a ver a palavra dita, a ter sensibilidade.

No capítulo **“Da prática à teoria”**, considere importante abordar o “como tudo começou”. Todo profissional de jornalismo que se preze, deve saber das origens e da tradução-mor da comunicação, o paradigma clássico de Aristóteles: *“Há uma ‘pessoa que fala’ (quem); ‘pronuncia um discurso’, dizendo alguma coisa (o quê); e se dirige a alguém que ‘a ouve’ (a quem).”*. Após um hiato milenar, em 1948, o cientista político Harold Lasswell acrescentou ao paradigma um “por que meio” (como) e um “com que efeitos” (para quê), incluindo, assim, a estrutura e a função da comunicação na sociedade e permitindo uma análise comunicativa mais abrangente, agora, em forma de pergunta: *“Quem diz o quê, por que meio, a quem e com que efeitos?”*.

Após destrinchar cada parte do novo modelo, achei por bem dedicar um capítulo ao “a quem”, grande motivo pelo qual as energias do processo comunicativo se mobilizam - **“Quem é o nosso telespectador?”**. A resposta pode ser meio frustrante. Em verdade, não temos como saber quem são os nossos telespectadores; apenas, que são um grupo altamente heterogêneo, de idade, gênero, classe, grau de instrução e preferências diversas, que têm uma forte tendência à dispersão e que nos assistem em um contexto que desconhecemos. Por isso, a elaboração e a transmissão da notícia deve ser feita da forma mais cuidadosa possível, para que esta chame a atenção do maior número de telespectadores, ainda que, cada um, por um motivo em particular.

O mesmo cuidado deve-se ter com o texto, o que abordo no capítulo **“O texto fala”**. Recentemente, confirmei a minha desconfiança de que tem gente que não faz idéia de que os apresentadores de telejornal estão lendo o texto que falam no teleprompter – uma amiga me perguntou de eles não tinham o texto gravado de cor. Enfim, tudo no telejornalismo é pensado justamente para passar esse tipo de sensação ao telespectador. E, para tanto,

procura-se escrever para televisão de forma coloquial, o mais próximo possível da fala – sem cair no vulgar, claro.

Após os aspectos teóricos, desenvolvi um “**Pequeno guia prático**”, com informações para que apresentadores e repórteres aprendam a dominar os recursos verbais e não verbais – noções sobre aspectos que interferem na qualidade da voz (frequência, intensidade, ressonância, articulação, velocidade), na expressão da voz (ênfase, inflexão, pausas, ritmo) e na expressão corporal (gestos, expressão facial, meneios de cabeça e postura.). Aqui, entram fotos para ilustrar tais recursos. Abordei ainda a questão da aparência na seção “com que roupa eu vou?”, já que muitos não sabem que a atenção do telespectador pode ser desviada da notícia, por exemplo, por um mínimo brinco muito brilhante, um penteado de cabelo inusitado ou uma gravata extravagante.

O capítulo “**O apresentador**” traz algumas considerações sobre apresentação que ainda não tinham sido abordadas, como a necessidade de cumplicidade na apresentação de telejornais em dupla e o uso do tele-prompter. Além disso, é nesse capítulo que estão algumas empreitadas práticas, como as entrevistas com os apresentadores Casemiro Neto, Rita Batista e Jonny Torres, a avaliação da fonoaudióloga da TV Bahia, Terezinha Torres, a cerca da performance de apresentadores de telejornais de três emissoras locais. Há ainda uma seção com dicas aplicadas, para situações enfrentadas particularmente por apresentadores, como a gravação da chamada, as leituras da escalada e das cabeças e a realização de entrevistas. Encerrando o capítulo, uma entrevista com o doutor em Ciências da Comunicação, professor da pós-graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, jornalista e escritor, Sebastião Squirra, um dos maiores estudiosos em telejornalismo do país.

O conteúdo do capítulo “**O repórter**” é basicamente o mesmo do anterior, com algumas questões importantes sobre reportagem que não tinham sido muito trabalhadas, como a necessidade de usar com cuidado os recursos verbais das ênfases e das pausas, sob o risco de perder na expressividade. O capítulo traz também a análise da fonoaudióloga Terezinha Torres a cerca dos repórteres dos telejornais das mesmas três emissoras e dicas aplicadas, para situações enfrentadas especificamente por repórteres, como as gravações de offs e passagens e a realização de “ao vivo” e flashes.

No capítulo “**Fique atento**”, destaquei os principais erros de locução que repórteres e apresentadores costumam cometer – sem perceber. A intenção foi chamar a atenção do leitor, para que ele possa aprender com os erros alheios e descobrir os próprios erros.

Acrescentei no manual ainda algumas “**Dicas de exercícios**” para aquecer e desaquecer a voz – com explicações da importância do aquecimento antes da emissão vocal e do desaquecimento após. Além de exercícios para melhorar a dicção, e, conseqüentemente, a clareza na transmissão da mensagem, facilitando, assim, a sua compreensão.

A seção “**Para saber mais**” traz um glossário com algumas das principais palavras específicas do telejornalismo, para os leitores leigos se familiarizarem mais com o meio telejornalístico e compreenderem por completo os textos do guia.

Encerrando o manual, uma seção com “**Anexos**”, que conta com laudas do Bahia Meio Dia, Aratu Notícias e TV Revista com marcações de ênfase e respiração feitas pelos respectivos apresentadores. Além de fotos tiradas por mim durante a pesquisa de campo no estúdio das emissoras.

6. Aspectos metodológicos

Para escrever o manual da forma mais coerente, responsável e embasada possível, além de ler a bibliografia levantada, entrevistei, via e-mail, o doutor em Ciências da Comunicação, professor da pós-graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, jornalista e escritor, Sebastião Squirra, um dos maiores estudiosos em telejornalismo do país. Fiz perguntas comparando os padrões de telejornalismo atuais com os do início da década de 1990, período de lançamento dos dois principais livros dele, “Aprender Telejornalismo” e “Boris Casoy – O âncora no telejornalismo brasileiro”. Pedi ainda que ele fizesse uma avaliação dos telejornais que surgiram recentemente em outras emissoras, como alternativas ao jornalismo da Rede Globo de Televisão, e dos apresentadores de telejornais em geral.

Também, gravei, por três dias consecutivos (3, 4 e 5 de maio), os telejornais “TV Revista”, da TVE, “Aratu Notícias”, da TV Aratu e “Bahia Meio Dia”, da TV Bahia, a fim de analisar as performances de apresentadores e repórteres de cada um. Além da minha análise de estudante de jornalismo, pedi a uma profissional de fonoaudiologia que trabalha diretamente com locução no telejornalismo, a fonoaudióloga da TV Bahia Terezinha Torres, que fizesse uma avaliação de cada profissional, para fazer um comparativo dos recursos usados por eles e um parâmetro do que fazer – ou não – quando estiver me expressando em reportagens ou apresentações. Ela avaliou todos com base na *qualidade vocal* – tipo de voz, ressonância (a localização da voz, que pode ser distribuída entre laringe, boca e nariz), pitch (a intensidade da voz), loudness (a frequência vocal), articulação, coordenação pneumofonoarticulatória (a capacidade de harmonizar bem a respiração, a fala e a articulação) e ataque vocal (se o profissional inicia uma frase de forma brusca, com intensidade exagerada) -, nos *recursos vocais* – ênfases (destaques dados a

determinadas palavras, que o profissional considera importantes), pausas, entoação (variação de tom), ritmo e taxa de elocução (velocidade de fala) – e nos recursos não verbais – expressão facial, postura corporal, meneios de cabeça (movimentos de cabeça) e gestos.

De forma a obter esse comparativo e esse parâmetro de forma mais acurada, também desenvolvi uma série de perguntas, que apliquei, pessoalmente, aos apresentadores Jonny Torres, da TVE, pela jovialidade e disciplina, Rita Batista, da TV Aratu, pela irreverência e voz forte feminina, e Casemiro Neto, da TV Bahia, pelos anos de prática e espontaneidade. Quis saber, entre outras coisas, quais os recursos utilizados por eles para conseguir conquistar a atenção e a credibilidade do telespectador e como fazer de uma notícia interessante – muitas delas não têm grandes atrativos... Perguntei se eles se têm algum cuidado especial com a voz, com a aparência, por conta da função que exercem, se fazem algum tipo de acompanhamento fonoaudiológico para melhorar a expressividade e que avaliação eles faziam da própria performance. Aprendi muito com a experiência de cada um, aprendizado que aprofundei em pesquisas de campo, indo assistir in loco a apresentação dos telejornais TV Revista, da TVE, no dia 23 de maio, Aratu Notícias, da TV Aratu, no dia 24 de maio, e Bahia Meio Dia, da TV Bahia, no dia 25 de maio. A seguir, as minhas notas de campo.

6. 1 Notas de campo

6.1.1 TV Revista, TVE

- O estúdio não me surpreendeu, pois já o conhecia. Acho a proposta do cenário até interessante, mas o fato de o apresentador Jonny Torres não ter uma bancada para apoiar os braços, para mim, interfere na segurança da apresentação.
- No estúdio, ficam três câmeras – duas móveis para revezar a filmagem do apresentador e uma fixa, para filmar a atração musical, que fica em anexo ao espaço reservado para Jonny no cenário.
- Ele apresenta todo o jornal com os pés cruzados e apoiados no chão. Sempre que um vt está no ar, ele repassa o texto da cabeça da matéria seguinte e faz exercícios de aquecimento vocal.
- Em determinado momento, alguém reclama com Jonny pelo ponto eletrônico, por ele, sem querer, ter chamado o entrevistado, o Presidente da Associação Brasileira de Emissoras Públicas Educativas e Culturais, Jorge da Cunha Lima, pelo nome. Após o jornal, Jonny comentou comigo que as pessoas deveriam ser mais seletivas e sensatas ao falar no ponto. O apresentador acredita que a bronca poderia ter sido dada quando o jornal já tivesse terminado, para não desestabilizá-lo emocionalmente com o jornal no ar e interferir na performance dele.
- Um produtor fica no estúdio e grita “atenção” sempre quando um vt ou o break estão acabando, para alertar Jonny para a leitura da cabeça seguinte.

- - Esse produtor comentou que acha a locução de Jonny parecida com a do personagem do Casseta & Planeta Tonny Maneiro, interpretado pelo humorista Hubert, que imita o apresentador Amaury Jr., fazendo coberturas de eventos.

6.1.2 Aratu Notícias, TV Aratu

- O estúdio é maior do que eu imaginava e conta com três câmeras rotativas filmando os apresentadores.
- Enquanto um vt está no ar, o apresentador Marcos Murilo, que divide a bancada com Rita Batista, relê a lauda seguinte, sobrearticulando a leitura do texto. Ele faz isso durante todo o jornal. Rita se preocupa mais em se concentrar.
- Rita me pareceu mais segura. Ela “pega” o texto mais rápido. Marcos Murilo sentia mais necessidade de repassar o texto antes de ler.
- Ambos se preocupavam com o silêncio no estúdio para não perderem a concentração e reorganizam as laudas a cada novo vt.
- Tanto Marcos quanto Rita ficam atentos à matéria que está no ar, para não perder a deixa e a entrada da próxima cabeça.
- Há a preocupação de ambos em acompanhar o parceiro, quando este está lendo, para demonstrar interesse na notícia.

- Percebi a voz de Rita mais baixa e lenta quando foi ler uma notícia de polícia, conforme ela me disse que fazia, quando a entrevistei.
- Quando o entrevistado sentou na bancada, os apresentadores conversaram com ele para descontrair e obter/confirmar informações antes da entrevista. As perguntas não foram passadas com antecedência ao entrevistado.
- Em determinado momento, eles comentam o a rima no texto de uma cabeça lida por Marcos Murilo: “caminhão da região”. “Caminhão da região é ótimo!”.
- Em outro momento, eles conversaram para saber quem ia ler a lauda na volta do comercial.
- Percebi a utilização das mãos, das sobrancelhas por parte dos apresentadores, mas nada exagerado para não desviar a atenção do telespectador. O cabelo, a maquiagem e a roupa de ambos estavam impecáveis. Rita usava um brinco discreto para não desviar a atenção do telespectador, conforme sugerido por Yorke (1998)
- Uma lauda chegou de última hora e não deu tempo de entrar no tele-propter. Marcos Murilo teve que ler no papel e se saiu bem. Falou com o diretor de tv através do ponto para saber se tinha alguma outra mudança repentina.

- Após o final de um vt, Rita estava sorrindo por conta da sonora divertida que encerrou a matéria, conforme ilustrado na entrevista.
- Quando encerra o jornal e sobem os créditos, eles permanecem na bancada conversando sobre a última matéria e reorganizando as laudas. Tiram o microfone. Vão para o camarim tirar a maquiagem.
- Marcos Murilo comprova a lenda de Cid Moreira - Ele apresentou o jornal de calça jeans e tênis. Mas argumentou: “Pelo menos não estou de cueca!”.
- Quando terminou o jornal, Rita veio falar comigo e comentou: “Você veio me ver logo em um dia que eu errei o texto.”. Ela se atrapalhou duas vezes na leitura de uma cabeça – perfeccionismo.

6.1.3 Bahia Meio Dia, TV Bahia

- A bancada dos apresentadores é menor do que eu imaginava. Três câmeras ficam no estúdio – duas móveis e uma em travelling.
- Os apresentadores Casemiro Neto e Patrícia Nobre chegam no estúdio cinco minutos antes de o jornal ir ao ar (11h53). Após ler a escalada, Casemiro pergunta se a escalada foi “ok”.

- Me chamou a atenção o fato de ele ter falado e brincado comigo enquanto um vt estava no ar – nenhum dos apresentadores das outras emissoras desviou o foco enquanto o jornal estava no ar, para não perder a concentração, imagino eu. Isso mostra a tranquilidade que a experiência proporciona. Como Casemiro está há oito anos no comando do Bahia Meio Dia, ele parece estar mais à vontade com a situação, tem total domínio das mudanças de câmera.
- Reparei que Casemiro às vezes fica com a postura torta na bancada, quando apóia o corpo no cotovelo. Ele parece estar confortável na posição, mas isso é um certo descuido, que pode causar incômodo e estranhamento no vídeo.
- Casemiro acrescentou um “olha” antes da leitura de alguns textos de cabeça, recorrendo à função fática da linguagem para chamar a atenção do telespectador. Mas tenho minhas dúvidas em relação a esse recurso, pode parecer apelativo demais.
- Os apresentadores conversam o tempo todo durante o jornal, redistribuem a leitura de laudas entre eles, brincam, ajudam um ao outro a completar as perguntas à entrevistada, parecem ter muita cumplicidade. Eles repassam os textos das cabeças seguintes enquanto os vts estão no ar.
- Casemiro ajeita sempre o nó da gravata, o terno e os óculos durante o jornal. Mexe bastante os pés, que às vezes ficam cruzados e às vezes, apoiados no chão.

- O próprio câmera fala “atenção” quando um vt ou o break estão para terminar, para os apresentadores ficarem atentos para a leitura da próxima cabeça.
- O diretor de tv muda a ordem das matérias e avisa com o jornal no ar. Casemiro tem que improvisar, pois o texto da cabeça “pula” no teleprompter e quase derruba o apresentador.
- A entrevistada entra no estúdio enquanto um vt está no ar. Os apresentadores conversam rapidamente com ela, para descontrair e pegar algumas informações. Como de praxe, fazem perguntas da vida pessoal da entrevistada – a atriz Camila Rodrigues, namorada do ator Bruno Gagliasso.
- A certa altura, Casemiro comenta: “Estou precisando fazer regime”.

6.2 A produção gráfica

Falando de aspectos técnicos, o manual tem 76 páginas, foi diagramado pela Com Arte Comunicação, no formato 20x20cm e impresso pela gráfica rápida Print Copy. O miolo, em papel couché fosco de 180g, e a, capa em couché fosco de 220g, com laminação. A encadernação foi feita pela Bigraf através do processo de costura. A diagramação do manual foi elaborada dentro de um conceito de cores, segmentando os capítulos e destacando seções, para tornar a leitura menos densa e mais agradável.

7. Considerações finais

A elaboração deste manual foi uma vitória pessoal e um aprendizado maior do que eu imaginava. Não pensei que iria me envolver e me afeiçoar tanto pelo trabalho, que me consumiu tempo e energia demais, mas foi extremamente gratificante. Concluo a minha meta com a sensação de dever cumprido. Hoje me sinto mais segura e tenho mais domínio sobre o que eu faço quando estou gravando o off de minhas matérias. E realmente não existia material que esmiuçasse a questão da locução no telejornalismo, com suas falhas e possibilidades, para dar suporte a estudantes das faculdades de comunicação baianas e até para profissionais locais. Espero que esse manual seja, de alguma forma, um caminho para quem procura afinar a comunicação no telejornalismo.

Como grande conclusão, após leituras, pesquisas de campo e análises pessoal e fonoaudiológica da performance de apresentadores e repórteres de telejornais de emissoras locais, fica o fato de que a maioria dos profissionais de telejornalismo baianos não têm noção do quanto precisam aperfeiçoar o emprego dos recursos verbais e não verbais para garantir uma boa transmissão e conseqüente compreensão das notícias por parte do telespectador. Porque o telespectador pode até ver, mas daí a ouvir e entender o que está sendo dito, vai muito da capacidade do profissional de ser claro, natural, crível e preciso, e isso só com muita prática – e estudo.

8. Referências Bibliográficas

- BARBEIRO, Heródoto; DE LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de telejornalismo - Os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Campos, 2000.

- CUNHA, Albertino Aor da. **Telejornalismo**. São Paulo: Atlas, 1990.
- FEIJÓ, Déborah; GAMA, Ana Cristina Côrtes; KYRILLOS, Leny Rodrigues. **Fonoaudiologia e telejornalismo – Relatos do IV Encontro Nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo**. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.
- FERREIRA, Leslie Piccolotto; E SILVA, Marta Assumpção de Andrada. **Saúde Vocal – Práticas Fonoaudiológicas**. São Paulo: Roca, 2002.

Bibliografia:

- BIAL, Pedro. **Crônicas de Repórter**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996
- COTES, Cláudia. **Apresentadores de telejornal: Análise descritiva dos recursos não verbais e vocais durante o relato da notícia**. São Paulo, 2000. Dissertação [Mestrado em Fonoaudiologia] – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
- _____; FEIJÓ, Débora; KYRILLOS, Leny Rodrigues. **Voz e corpo na TV**. Rio de Janeiro: Globo, 2004.
- KYRILLOS, Leny Rodríguez. **Expressividade - da teoria à prática**. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.
- _____. **Fonoaudiologia e telejornalismo – Relatos de experiências na Rede Globo de Televisão**. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.
- _____. **Fonoaudiologia e Telejornalismo baseado no III Encontro Nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo**. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo – O que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.
- MACIEL, Pedro. **Guia para falar (e aparecer) bem na televisão**. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto Editores, 1993.
- PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV - Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- POLISTCHUK, Ilana; TRINTA, Aluizio Ramos. **Teorias da comunicação – O pensamento e a prática da comunicação social**. São Paulo: Campus, 2003.
- REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil – Um perfil editorial**. São Paulo: Summos, 2000
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornal Nacional – A notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- SAMPAIO, Walter. **Teoria e prática do jornalismo no rádio, tv e cinema**. São Paulo: Vozes, 1971.
- SQUIRRA, Sebastião. **Aprender telejornalismo – Produção e técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. **Boris Casoy – O âncora no telejornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- YORKE, Ivor. **Jornalismo diante das câmeras**. São Paulo: Summos Editorial, 1998.

